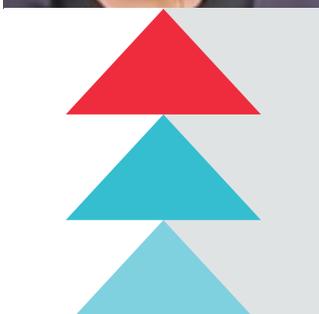
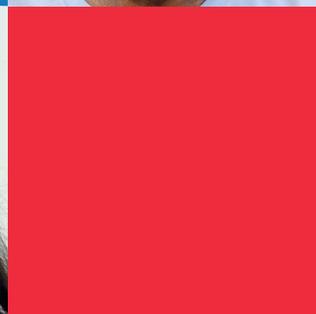
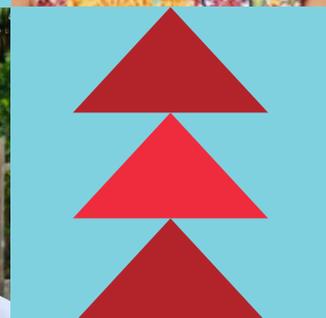
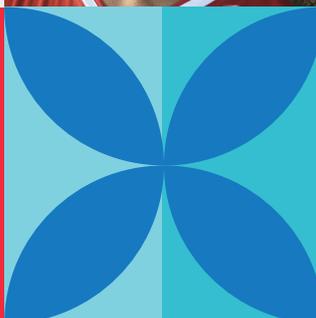
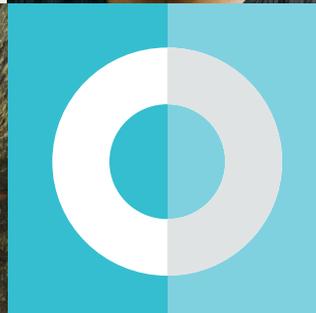
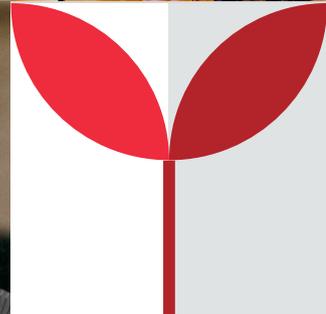


# NOSSOS CAMINHOS PELO BRASIL

*Histórias de pessoas migrantes e em situação de rua atendidas pela Cáritas em Roraima, Rondônia, Piauí, Pará e Acre*



Esta é uma publicação da Cáritas Brasileira, realizada por meio do projeto Orinoco: Águas que Atra-vessam Fronteiras, com o financiamento do Escritório de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.

Fundada em 12 de novembro de 1956, a Cáritas Brasileira é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tem como missão anunciar e testemunhar o evangelho de Jesus Cristo junto às pessoas em situação de vulnerabilidade e exclusão social. A rede Cáritas Brasileira está presente em todas as regiões do país, desenvolvendo projetos e ações de solidariedade para a superação da pobreza e de outras situações de desigualdade social.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	5
PROJETO ORINOCO .....	6
INTRODUÇÃO .....	7
AJUDA EM TEMPOS DE ANGÚSTIA .....	9
LAÇO COMUNITÁRIO.....	13
TRANSMISSÃO PELA ARTE .....	16
CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE .....	19
DO QUINTAL, COM SAÚDE E AFETO.....	23
HORA DE RETRIBUIR.....	25
CONQUISTAS NA EDUCAÇÃO...	29
TECENDO UM SONHO.....	31
IDENTIDADE E ACESSO A DIREITOS .....	34
VIDA CHEIA DE ESPERANÇA ...	37

# EXPEDIENTE

## **Cáritas Brasileira**

Organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)

SDS – Bloco P – Ed. Venâncio III – Sala 410

CEP 70393-900 – Brasília - DF

caritas@caritas.org.br

61 3521-0350

www.caritas.org.br

## **Diretoria**

Dom Mário Antônio da Silva | Presidente

Cleusa Alves da Silva | Vice-Presidenta

Antônia Botelho | Diretora-Secretária

Anadete Gonçalves | Diretor-Tesoureiro

## **Conselho Fiscal**

Maria Istéla Folha

Itamar de Carvalho Souza

Luciano França



Acesse as redes  
sociais da Cáritas  
Brasileira

## **Coordenação Colegiada**

Carlos Humberto Campos

Rogério Augusto Cunha

Valquíria Lima

## **Organização**

Indi Gouveia e Paula Lanza | Assessoria de Comunicação da Cáritas Brasileira

## **Colaboração de conteúdo**

Betânia Maria Zarzuela Alves de Avelar, Emmily Melo, Max Bonfim, Priscila Cristina

Miranda de Araújo, Sandra Rocha, Stela Ananda de Barros, Vicente Cardoso Jr.

## **Ilustrações**

Will Cavalcante

## **Edição e revisão**

Vicente Cardoso Jr. - vicentecardoso@gmail.com

## **Projeto gráfico e diagramação**

Mateus Leal Guimarães Sales - mateus.salesleal@gmail.com

Esta é uma publicação da Cáritas Brasileira, realizada por meio do projeto Orinoco: Águas que Atravessam Fronteiras, com o financiamento do Escritório de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.





# APRESENTAÇÃO

No cenário de intensificação dos fluxos migratórios para o Brasil, a Igreja Católica tem atuado como uma das grandes protagonistas no trabalho junto aos irmãos e irmãs que chegam da Venezuela em busca de uma vida digna aqui em nosso país.

Nesse sentido, a Cáritas Brasileira, como braço missionário da Igreja, segue as lições do Papa Francisco de acolher, proteger, promover e integrar migrantes, refugiados e refugiadas, sempre com respeito às suas culturas.

O projeto Orinoco: Águas que Atravessam Fronteiras nasce nesse contexto, como uma resposta da Igreja à crise migratória e à pandemia da Covid-19. Desde 2019, a iniciativa recebe venezuelanos e venezuelanas em situação de vulnerabilidade e a população brasileira em situação de rua com dignidade e amor.

Nas instalações, as pessoas que chegam de longas caminhadas e aquelas que não têm um lar podem matar a sede, tomar um banho, amamentar e trocar seus bebês, além de participarem de formações em promoção de higiene.

Hoje, o público também encontra apoio para a garantia de seus direitos no Brasil e orientação quanto à regularização migratória.

Assim como Jesus lavou os pés de seus discípulos, ensinando a importância de nos apoiarmos uns aos outros, sabemos que se tem muito a aprender na coletividade, na partilha das dores e das alegrias entre aqueles que trabalham por uma sociedade mais justa e fraterna!

**Dom Mário Antônio** - presidente da Cáritas Brasileira e arcebispo metropolitano de Cuiabá, Mato Grosso



## PROJETO ORINOCO

*Orinoco: Águas que Atravessam Fronteiras* é um projeto da Cáritas Brasileira que atua junto à população migrante e refugiada venezuelana na região Norte e Nordeste do país.

Surgiu em 2019, em Roraima, desenvolvendo ações de WASH, ligadas na prevenção contra a Covid-19. De 2021 a 2023, em sua terceira fase, a iniciativa alcançou cinco estados brasileiros: Acre, Pará, Piauí, Rondônia e Roraima.

A partir de 2021, além de promover ações de acesso a água, saneamento e higiene, a iniciativa inclui o setor de Proteção, acompanhando as famílias vulnerabilizadas para que tenham acesso justo e igualitário a serviços essenciais no Brasil.

O atendimento conduzido por profissionais capacitados/as para acompanhar casos de Proteção visa: garantir o acesso a informações seguras, promovendo a autonomia das comunidades em buscar soluções para suas necessidades; mitigar danos provenientes de violações de direitos, por meio do referenciamento adequado; e incidir para que o Estado se responsabilize em garantir a assistência necessária prevista pelas políticas públicas nacionais.

O projeto recebe financiamento do Escritório de População, Refugiados e Migração (PRM) do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América.



# INTRODUÇÃO

Viver em comunidade é uma condição essencial do ser humano. Prova disso é o longo tempo que bebês e crianças levam, em seu desenvolvimento, para alcançar autonomia. A própria reprodução da espécie demanda o cuidado e a proteção aos pequenos por uma longa fase da vida, o que é típico da humanidade.

Em tempos de estabilidade, cada povo, cada agrupamento de pessoas, tem sua organização comunitária própria e bem definida. Um problema grave surge quando forças maiores (desastres naturais, emergências climáticas, violência social e política, disputas por territórios, dificuldades de viver mesmo com o básico, entre outras) acabam levando parcelas inteiras da população de um país a um processo de migração e deslocamento. Para as pessoas migrantes, esse processo implica geralmente uma travessia desgastante, a chegada conturbada até encontrar um local em que se sintam de fato acolhidas e, obviamente, o constante desejo de trazer a família para perto de si.

Os contextos de travessias também marcam a trajetória de pessoas em situação de rua. Estar nas ruas implica inúmeros desafios: os rompimentos familiares; a dificuldade ou mesmo impossibilidade de conseguir um emprego vivendo na rua; as políticas públicas insuficientes e preconceituosas para essa população – políticas muitas vezes higienistas, que querem expulsar esses cidadãos do espaço público.

Nesta obra, apresentamos 10 perfis de pessoas migrantes ou em situação de rua acolhidas pela Cáritas em *Roraima, Rondônia, Piauí, Pará* e Acre por meio do projeto Orinoco: *Águas que Atravessam Fronteiras*. O título da obra – *Nossos caminhos pelo Brasil* – busca valorizar as trajetórias de cada um e cada uma até chegarem a seu momento atual, recheado de sonhos, projetos e esperança.

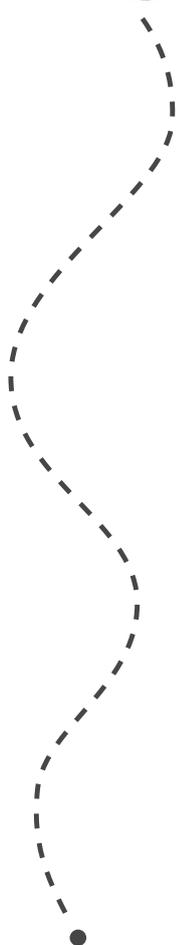
Que suas histórias de vida sejam inspiradoras, para tantos migrantes, para tantas pessoas em situação de rua, para tantos agentes, voluntários e demais profissionais que contribuem com projetos como os da rede Cáritas.



*Andreina Veliz Ramirez em jornada tripla de trabalho*



Venezuela



Acre



# AJUDA EM TEMPOS DE ANGÚSTIA

É preciso passar por um corredor longo e escuro para chegar até o último apartamento, onde reside, com seu filho, Andreina Veliz Ramirez, 37 anos, venezuelana, mãe, trabalhadora. Mulher forte e de sorriso gentil. Nesse pequeno espaço onde vive em Rio Branco, capital do Acre, há poucos móveis, duas cadeiras quebradas e dois colchões no chão. Na mesa arrumada, pipoca e refrigerante para nos oferecer. Na parede há alguns salmos. O seu favorito, salmo 46, traz no primeiro versículo: “Deus é nosso refúgio e nossa força, uma ajuda sempre disposta em tempos de angústia”.

Na Venezuela, ao menos por um tempo, os tempos de angústia pareciam ter passado. Após ter superado uma história familiar de rejeição pelo pai e pela mãe, Andreina, criada pela avó, formou-se em Administração, trabalhava em um banco, tinha uma casa grande e confortável. Porém, quando a crise no país começou, precisou abrir mão de tudo. Na tentativa de melhorar de vida, chegou ao Peru em 2017, com o filho ainda pequeno. Por ele, tenta fazer tudo, quer ser o oposto do que seus pais foram para ela.

Tendo chegado ao Peru, trabalhava vendendo nas ruas. Sem descanso, sem lazer, sem documentos, sem conta bancária, sem saúde garantida. Aguentou por cinco anos, até que seu filho começou a receber ataques xenofóbicos. Decidiu que era hora de mudar. Vendeu tudo o que tinha e, mais uma vez, estava pronta para um novo recomeço.



*Andreina Veliz Ramirez e seu filho*

Sem pensar muito, veio para o Brasil. O trajeto consistia em passar pelas cidades peruanas de Lima, Cuzco, Puerto Maldonado e Iñapari, até chegar ao Acre, primeiro a Assis Brasil (AC) e então a Brasiléia (AC). Sentiram muito medo, choro e cansaço por toda a viagem. E, logo que chegaram, Andreina sentiu-se enganada com o preço cobrado pelo táxi e pela pousada.

Teve a sorte de, já no dia seguinte, ser apresentada ao trabalho da Cáritas em Brasiléia. Ao procurar a organização, Andreina recebeu um apoio que nem imaginava existir. Ganhou kits de higiene, comida e suporte para retirada de documentação. Além disso, deu entrada nos benefícios sociais e pôde imprimir seu currículo. Com todo esse acolhimento, sentiu que estava pronta para continuar lutando. “Eles são, para mim, não só uma orientação para documentação ou entrega de kits de higiene, mas também são para escutar. Oferecem seu ombro para chorar. Porque os imigrantes por fora parecem que estamos inteiros, mas por dentro estamos destroçados! Perdemos tudo, praticamente, perdemos nossas raízes”.





Andreina trabalhou em Brasília, por um mês em uma pizzeria, e depois mais uns dois meses em um sucatoão. Não tem medo do trabalho pesado. Mas, por não ter ajuda com seu filho, precisou sair desses lugares e buscar horários mais flexíveis. Assim, ela se desdobra entre o cuidado do filho e o trabalho.

Em março de 2023, ainda estava em Brasília quando a cidade foi afetada por uma alagação. Morava atrás do rio e, desse modo, perdeu tudo o que tinha. Diante da enorme perda, ela demonstra a mesma força que a trouxe até ali: “Eu não me rendo, eu não me canso, eu não descanso, não tenho tempo de chorar”.

E assim teve que recomeçar. Mais uma vez. Já perdeu as contas de quantas vezes teve que recomeçar. Encontrou o quarto onde hoje reside há dois meses. Orgulha-se de ter conseguido uma geladeira, um fogão, as cadeiras, os colchões para ela e o filho dormirem... Um lugar onde pode ser livre e se sentir em paz.

Agora com mais estabilidade, Andreina sente que tem uma rotina cansativa, mas não reclama. Acorda às 5h da manhã, toma seu café e vai contribuir no projeto Europeia, do Serviço Pastoral do Migrante, no qual é voluntária. Sai às 12h, em tempo de levar o filho para a escola às 13h. Na sequência vai para a rua vender água mineral, água de coco e bananinha frita, voltando às 17h para buscar o filho na escola. Quando chega em casa à noite, ainda consegue energia para preparar uma refeição e finalmente comer com seu filho.

*Mesmo exausta de tantos recomeços,  
ela carrega nos olhos a esperança de  
um futuro melhor para seu filho.  
E de um lugar onde finalmente poderá  
descansar e chamar de lar.*







Venezuela



# LAÇO COMUNITÁRIO

A virada de ano de 2018 para 2019 foi de pouca celebração para Andreína Yumeli Gonzales Mendonza. Em outubro daquele ano, ela e a família haviam cruzado a fronteira da Venezuela para o Brasil. Seus primeiros passos incluíram uma semana em Boa Vista (RR) e dois meses em Manaus (AM), onde ficaram para juntar dinheiro para o barco que os levaria a Santarém (PA). O tempo para processar tantas mudanças impostas pela migração ainda era curto. “Passei o ano novo com minha família, triste, acostumada com a Venezuela. Brasil já é outro país, por isso nos sentíamos muito tristes fora de nossa comunidade”.

Ficaram em Santarém (PA) por sete meses, até a decisão de se deslocarem para Teresina (PI), onde já tinham parentes e já sabiam das ações da Cáritas. Recém-chegada aos abrigos, Yumeli integrou-se rapidamente à nova comunidade, graças a suas habilidades como artesã e educadora. Em especial em relação à educação, Yumeli teve uma importância imediata, integrando e fortalecendo o Ciranda Latina. O projeto teve grande êxito ao pressionar o poder público pela matrícula das crianças venezuelanas nas redes públicas de ensino, com garantia do processo de ensino e aprendizagem em Warao. Yumeli tornou-se figura central nessa luta: tornou-se educadora do Centro Municipal de Educação Infantil Tia Anita Gayoso, atendendo principalmente crianças Warao na faixa de quatro a cinco anos, garantindo que tivessem o ensino em sua língua materna.

Piauí





O papel que Yumeli desempenha na formação dos pequenos vai além da língua, abrange outros aspectos da cultura Warao – cantos, danças, lendas, histórias – que ela transmite às novas gerações. Em um evento escolar, Yumeli tomou a frente para realizar uma apresentação de sua cultura, tanto para crianças Warao quanto para as brasileiras. Confeccionou a roupa, preparou os cantos e danças, apresentou-se. A repercussão deixou Yumeli bastante satisfeita, assim como a comunidade escolar.

Com seu estilo proativo e desenvolvimento, Yumeli também conquistou outro lugar fundamental na nova comunidade Warao que vem se constituindo em Teresina (PI). É preciso lembrar que, para cada um desses indígenas migrantes, a partida de seu país de origem representou a perda de uma organização comunitária já estabelecida no local onde viviam. No Piauí, essa nova comunidade Warao que vem se formando – e que hoje conta com aproximadamente 300 integrantes – vai aos poucos construindo uma nova organização própria. Parte desse processo foi definir quem seriam as lideranças dessa nova comunidade. E, numa primeira formação desse grupo de líderes, Yumeli foi a única mulher. Lutou pela conquista desse espaço. Num momento posterior, também se engajou para que outras mulheres tivessem esse mesmo papel. Hoje, das doze lideranças da comunidade, três são mulheres.

300

*integrantes na  
comunidade Warao  
em Teresina (PI)*





*Andreína Yumeli Gonzales Mendonza e sua filha*



Além disso, os saberes de artesã, mais especificamente na confecção de colares e pulseiras de miçangas, também dão a Yumeli um lugar importante na comunidade. Não apenas na produção, mas também na transmissão da prática para outras mulheres – e, entre as aprendizes, está uma de suas filhas.

Numa síntese de sua atuação na comunidade, Yumeli vê aspectos comuns entre os papéis que desempenha como educadora entre as crianças e como liderança entre as mulheres. “Eu, como indígena, sempre me sinto orgulhosa por compartilhar. Como sou educadora, sempre compartilho meus conhecimentos com as crianças. Porque sempre foi assim meu sonho. Na minha comunidade, quase não tem muitas mulheres educadoras, falando assim como eu. Por isso eu sempre estou à frente das mulheres, ensinando, mostrando a cultura...”.

***Agora, num novo ano que se inicia, cinco anos depois daquela virada de ano triste e cheia de incertezas, Yumeli se sente orgulhosa e realizada com o trabalho que tem feito na comunidade Warao de Teresina (PI).***



Venezuela



## TRANSMISSÃO PELA ARTE

Nascida em Caracas, capital da Venezuela, Eunice Reyes vive no Brasil há seis anos. Nessa estadia no novo país, passou a perceber que pode desempenhar um papel importante na vida de outros migrantes venezuelanos, ajudando a manter viva a cultura de seu país natal. A pintura é um dos recursos pelos quais Eunice busca cumprir esse papel. “Eu sei que, por meio da minha pintura, represento o que nós somos, e que nós viemos da Venezuela, nossas raízes.”

Essa iniciativa de Eunice começou em 2022, em uma visita da Cáritas ao bairro João de Barro, zona oeste da cidade de Boa Vista, Roraima, onde ela vive. Além de tratarem do Comitê WASH, voltado a ações ligadas ao acesso a água, saneamento e higiene, houve uma mobilização cultural na qual Eunice se envolveu sem pensar duas vezes. “Ali nasceu a inquietude: que as crianças venezuelanas estavam crescendo sem saber de suas raízes e tradições. Assim comecei a pintar sobre a cultura venezuelana e, com crianças, formamos um grupo de danças típicas da Venezuela, com apoio da Cáritas”, relata.

Roraima

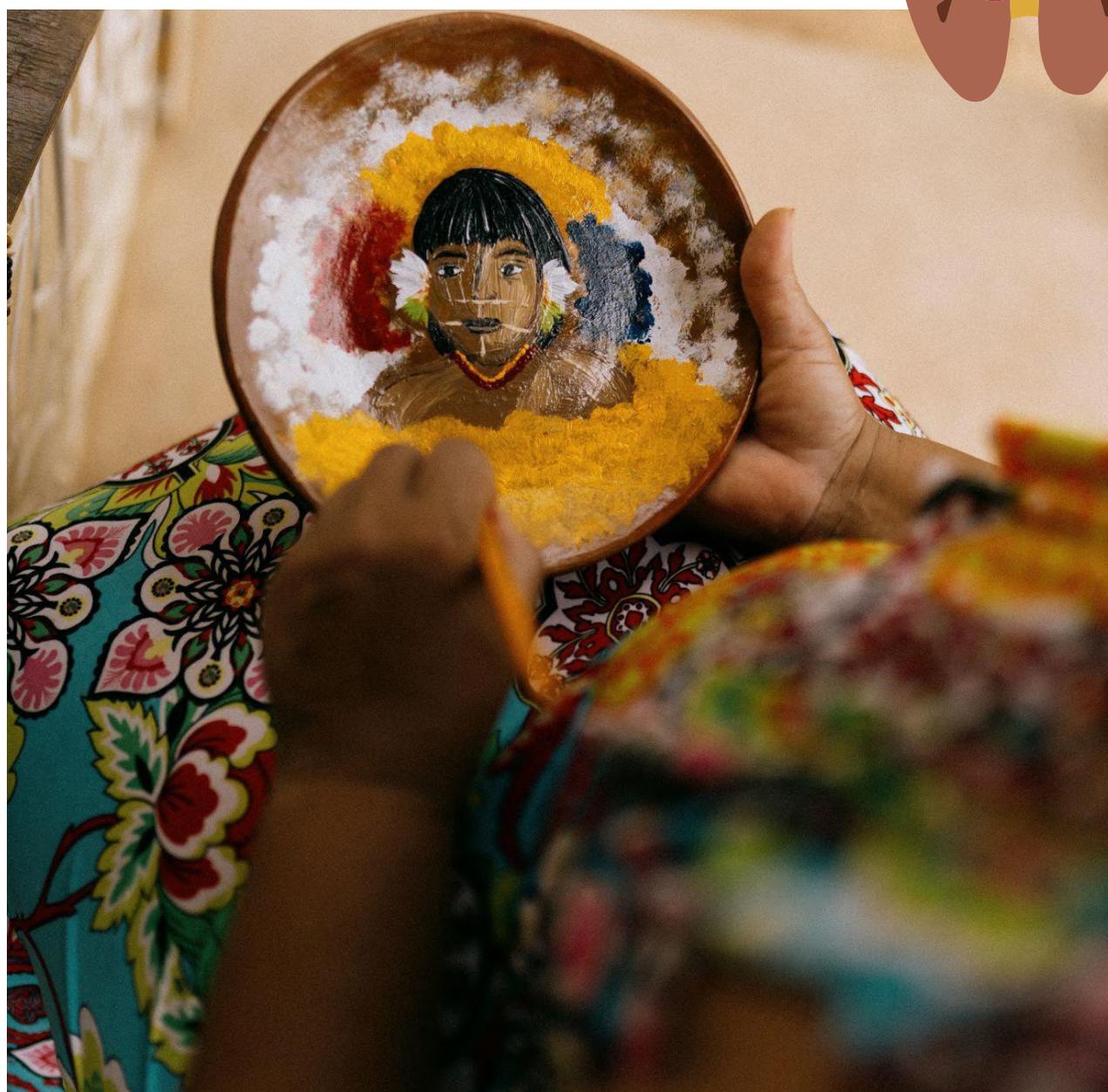




Na Venezuela, Eunice já havia trabalhado com produtos artesanais, como bijuterias e biojoias. No Brasil, o trabalho com as pinturas ainda não constitui uma fonte de renda, mas ela acredita que isso virá em breve. Atualmente, ela aguarda a realização de uma cirurgia e, nesse momento, a arte tem sido uma forma de companhia, proporcionando a Eunice novos encontros. Encontros com a própria história, encontros com as histórias de outras tantas pessoas que vivenciaram a migração, encontros com as novas gerações. “Quando eu pinto algo, e uma criança se aproxima e me pergunta ‘o quê é isso?’, e outros perguntam também, eu digo que é meu grãozinho de areia que estou dando.”



*Eunice Reyes em processo de criação artística*





**Você é um**





Venezuela



# CONHECIMENTO E TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE

José Sebás é um dos tantos cidadãos venezuelanos que migraram por causa da crise humanitária vivida em seu país. É indígena Warao. Na Venezuela, vivia na comunidade Narunoko II. No Brasil, fez suas primeiras paradas em Roraima, na cidade fronteira Pacaraima e depois na capital Boa Vista. Passou também por Porto Velho (RO) antes de se fixar em Belém (PA), onde hoje busca ampliar seus conhecimentos na área da saúde, com o desejo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida em sua comunidade.

Ainda em Boa Vista, José experimentou as duas faces da acolhida aos migrantes venezuelanos que chegam sem nada. Com uma mão, deram-lhe emprego. Com a outra, trataram-no como se fosse um cidadão de segunda classe. “Passei três meses trabalhando em um sítio de um brasileiro, cuidando de criação de peixes. Passei uma temporada aí. Três brasileiros que me pagavam 300 reais por mês porque me falavam que era muito dinheiro pra mim”, lembra, com a expressão de quem viu o racismo e a xenofobia cara a cara.

No tempo que passou em abrigos, aproveitou para aprender português. Acompanhando uma missão evangélica, observou os costumes dos brasileiros. Com o mesmo ânimo para aprender e sobreviver, já em Belém tornou-se assíduo frequentador das formações e encontros promovidos pelo projeto Orinoco: Águas que Atravessam Fronteiras. Na comunidade onde está vivendo, no distrito de Outeiro, tudo é coletivo, as conquistas e as dificuldades. E essas são muitas.

Pará





O espaço compartilhado pelas famílias carece de saneamento básico e, conseqüentemente, as crianças sofrem com as doenças relacionadas à falta de água e esgoto. Através do Orinoco, a comunidade recebeu banheiros e pias de uso comum, além de orientações sobre a lavagem das mãos e outras noções de higiene diária, um esforço cotidiano para que os aprendizados se tornem um hábito.

José já percebeu a relação entre os hábitos de higiene e os problemas de saúde que poderiam ser evitados com a prevenção. “Tudo tem que estar sendo limpo, tirando o lixo... E também deve se preocupar com a água que toma. Tem que ensinar os cuidados com a água para tomar, o que se pode fazer para que não tenha essa enfermidade”, comenta.





*Através do  
Orinoco, a  
comunidade  
recebeu banheiros  
e pias de uso  
comum*

*José Sebás já percebeu a relação entre os hábitos de higiene e os problemas de saúde que poderiam ser evitados com a prevenção.*

Depois de conhecer o trabalho realizado pela Cáritas por meio do projeto Orinoco, ele fala dos agentes com admiração e compreende que também pode ser um agente de mudança. Assim, a atuação na área da saúde tornou-se seu novo sonho. “Gostaria que um dia eu possa arrumar esse curso. Se arrumar, amém. Eu aceito que me ajudem nessa área para ter esse conhecimento para ajudar mais os pequenos que são indefesos. Buscar uma maneira para fazer funcionar a saúde da criança”, diz, esperançoso e confiante no poder do conhecimento.



**Karennys e o canteiro construído durante  
as ações do Comitê WASH**





Venezuela



# DO QUINTAL, COM SAÚDE E AFETO

Em João de Barro, comunidade na zona oeste de Boa Vista, Roraima, um canteiro sinalizado com placas coloridas, carregado de verduras e hortaliças, chama a atenção. O espaço 'plante o que você quer colher' é da migrante venezuelana Karennys González, de 30 anos, que transformou o quintal de casa em um espaço produtivo.

Karennys deixou o país vizinho rumo ao Brasil para buscar novas oportunidades de vida. Ela conta que, na Venezuela, a crise social, política e econômica a impedia de seguir, de ter acesso à saúde, educação, lazer e bem-estar para ela e a família. Vivendo no Brasil há seis anos, foi por meio da atuação da Cáritas Brasileira em Roraima que a migrante venezuelana se conectou a ferramentas capazes de transformar sua realidade.

“Cáritas veio à comunidade João de Barro dar um apoio aos venezuelanos que deixaram uma crise econômica. Nos proporcionou apoio emocional, nos ajudou a nos valorizarmos enquanto mulher, mães de família e a como desenvolver a nossa criatividade em nosso dia a dia. Falou de educação, cultura... Em como nos apoiar enquanto comunidade e, assim, veio o trabalho com a minha horta”, conta Karennys.

A história da Cáritas em Roraima se conectou com a de Karennys no ano de 2022, por meio da educação popular. Na comunidade em que ela vive foi implementada, por meio do projeto Orinoco: Águas

Roraima





que Atravessam Fronteiras, o que se tem chamado de Comitê WASH, iniciativa com o objetivo de motivar as comunidades em atividades de promoção de higiene e educação ambiental, proporcionando instrumentos para criar espaços ambientalmente sustentáveis.

O canteiro de Karennys, construído durante as ações do Comitê, tem tomate, cebolinha e muito afeto. “A gente mesmo que pintou, colocou as plaquinhas coloridas ‘que tu sueños sean mas grandes que tu miedos’. A Cáritas nos deu a estratégia de como plantar, em como trabalhar na terra daqui [de Roraima - Brasil], que não é igual a da Venezuela, mas nós conseguimos. Temos verduras e hortaliças para nosso consumo, para vender e ajudar nossa família”, comentou a migrante.

Além do espaço ‘plante o que você quer colher’, a comunidade João de Barro também traz outros quintais produtivos, construídos e cuidados por mulheres e homens migrantes da Venezuela, que se somam a uma rede de economia popular solidária. Todos esses espaços nasceram das atividades educativas de base comunitária do projeto Orinoco.





Marcos Vinícius distribui café com pão no centro de Belém (PA)

Brasil



Pará



## HORA DE RETRIBUIR

“É hora de retribuir o que fizeram por mim”, diz Marcos Vinícius, após uma ação matinal para distribuir café com pão na Praça da Bandeira, na área central de Belém (PA). Ali, sob os mastros das bandeiras do país e do Estado, o jovem de 27 anos conforta a fome daquelas e daqueles que, assim como ele, experimentam o auge da exclusão social.

Esse desejo de retribuir é resultado de uma longa trajetória marcada pela persistência. Nascido no estado do Maranhão, Marcos Vinícius vivenciou muito cedo o abandono dos pais biológicos e, pouco depois, com apenas dois anos, a morte da avó que o acolheu. Passou o resto da infância com um sentimento que define como um “rancor no coração” e, com apenas 13 anos, foi morar na rua, onde viveu a maior parte da adolescência e da juventude. Com apoio da família de acolhida, mudou-se para o Pará há alguns anos. Nas feiras e calçadas de Belém, conheceu ações missionárias como os projetos Orinoco: Águas que Atravessam Fronteiras, Missão Belém e Casa Rua.



*Marcos Vinícius em entrevista à Cáritas*

Vinícius concedeu a entrevista à Cáritas Brasileira no espaço Casa Dia, lugar de passagem mantido pela prefeitura de Belém para que as pessoas em situação de rua tenham onde tomar banho, se esquentar com um café ou fazer uma refeição para driblar a fome. Ele circula pelo espaço com desenvoltura, a mesma observada ao cruzar na rua com várias pessoas que o conhecem e, às vezes, o têm como referência.

*Vinícius  
tem se  
dedicado a  
construir  
um caminho  
fora das  
ruas, sem  
ignorá-las*

Essa relação com a Casa Dia e com as pessoas ali atendidas vem sendo construída desde que o jovem se mudou para a capital paraense, há mais de três anos. Durante esse tempo, ouviu muitas histórias, algumas que considera mais dramáticas que a sua, porque quem contou morreu antes de retornar para casa. Também conheceu a namorada atual. Entrou e saiu das ações missionárias várias vezes. Entre tantas idas e vindas, acabou descobrindo a possibilidade de contribuir, tornando-se voluntário.

“Minha vida foi bastante conturbada desde a infância. Eu tinha dois anos de idade e morava com minha avó. Ela veio a falecer em 2003 e, na hora de me pegar pra criar, meus pais verdadeiros tinham me abandonado, e minha tia, irmã do meu pai, me pegou pra me criar.



Minha mãe de criação. Morei lá até uns onze anos de idade com aquele rancor no coração. Eu falava pra minha mãe que queria estar com meus pais verdadeiros, biológicos porque esse era meu sonho”.

Vinícius conta que começou a fumar aos nove anos. Aos treze, havia se aproximado de companhias que acabaram levando ao rompimento com a família. “Foi onze anos de rua. Foi muito difícil pra mim. Vivi cinco anos na cracolândia. Minha mãe sempre ia me buscar lá. Passei em 32 comunidades (terapêuticas). Ficava uma semana, um mês e saía”, relembra.

O caminho até a capital do Pará começou graças a uma ação missionária da qual a família ouviu falar, lá no Maranhão. Era uma casa de acolhimento para dependentes químicos localizada em Marituba, Região Metropolitana de Belém. Um colega veio com ele, mas recaiu no consumo de drogas. Marcos Vinícius ficou só e encarou a rua mais uma vez, agora na feira do Ver-o-Peso, o maior mercado a céu aberto da América Latina.

Ali, no movimento da constante venda de frutas, carnes, peixes, bebidas e artesanatos, conheceu agentes do Missão Belém, movimento católico de acolhida a pessoas em situação de rua. A família – que hoje o jovem lamenta não ter conseguido ter como lar – acompanhou todos os passos.

Agora já faz mais de um ano que Marcos Vinícius tem se dedicado a construir um caminho fora das ruas, sem ignorá-las. Quem o vê, arrumado, de cabelo cortado, perfumado, não imagina sua história. Agora mora em casa alugada com a namorada, que se tornou servidora pública. Ele concluiu um curso de vigilância e luta para ter um emprego.

Há seis meses, voluntariou-se e segue participando das atividades do Orinoco, da Casa Rua e do Missão Belém. Serve comida, participa das rodas de conversa, leva até a rodoviária quem decidiu voltar para casa. Nessa nova fase, diante de tudo o que já viveu e presenciou, Marcos Vinícius tem apostado na mudança, na própria e na dos outros. “Graças a Deus, hoje eu sou testemunho pra essas pessoas que eu conheci na rua e, hoje, elas têm o maior respeito por mim. As pessoas que me ajudaram, eu também tenho o maior respeito e procuro retribuir aquilo que eles fizeram por mim”, enfatiza.

*Agora mora  
em casa  
alugada com  
a namorada,  
que se  
tornou  
servidora  
pública*

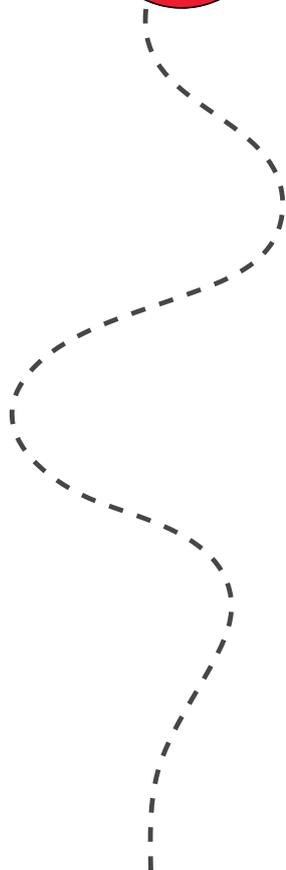


Plácido Benites,  
liderança indígena  
Warao





Venezuela



Piauí



# CONQUISTAS NA EDUCAÇÃO

A experiência de viver em outro país traz desafios únicos. Reconfigura a vida. E, nesse processo, cada migrante encontra, em sua própria trajetória, elementos que possam auxiliar na adaptação ao novo local de moradia. No caso de Plácido Benites, sua larga experiência como educador na Venezuela é, sem dúvida, um elemento central de sua adaptação à vida no Brasil.

Plácido é um dos migrantes que constituem a comunidade Warao que vem se formando em Teresina (PI), em função do fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil. Tendo chegado primeiro, depois conseguiu trazer outros familiares, por ter compreendido que as condições de vida são melhores do que as que encontravam em seu país. Hoje, duas filhas, os netos, o pai, a mãe e um sobrinho de Plácido são algumas das cerca de 300 pessoas que constituem a comunidade Warao de Teresina, da qual ele é uma das principais figuras de referência. E isso se dá, em boa parte, em função de seu papel na educação e no domínio de diferentes línguas.

Desde sua chegada a Teresina (PI), Plácido é um dos mais requisitados para que as informações transmitidas por instituições sejam adequadamente acessadas pelos Warao, tanto no idioma Warao quanto em Espanhol. Além disso, Plácido também é referência para os brasileiros que têm interesse em aprender a língua indígena. Recentemente, chegou a produzir um breve dicionário Warao-Português, com mais de 500 palavras. Trata-se ainda de um manuscrito, mas com perspectiva de digitalização e publicação, com grande potencial para auxiliar na comunicação da comunidade com diversos agentes que atuam ali.



Como desenvolvimento natural dessa sua atuação na comunidade, passou a trabalhar como educador na Escola Municipal Mocambinho, por meio do projeto Ciranda Latina, da Cáritas. Naquele primeiro momento, o Ciranda Latina representou a conquista de uma grande luta para que os indígenas migrantes conseguissem matrícula na rede regular de educação, com o ensino em seu idioma materno. As articulações do Ciranda Latina continuaram e, em 2024, Plácido também terá papel central em outra grande conquista não só para os Warao, mas para outros indígenas da região. No ano em que completa 50 anos, Plácido assume a direção da primeira escola indígena do estado do Piauí. Será uma direção colegiada, em parceria com outra diretora indígena, da etnia Guajajara. Plácido será o representante dos Warao. A instituição atenderá estudantes desses dois povos e, para isso, terá um ensino quadrilíngue: Warao, Guajajara, Português e Espanhol são as línguas que fazem parte do projeto da escola. Uma conquista para a educação piauiense, obtida graças à soma de várias forças, entre elas, a da nova comunidade Warao que vem se formando na capital do estado há alguns anos.

*Plácido é referência para os brasileiros que têm interesse em aprender a língua indígena*



*Plácido em atividade do projeto Ciranda Latina*





Rafael na oficina em  
que trabalha

Venezuela



## TECENDO UM SONHO

“Desde quando saí da Venezuela, há quatro anos atrás, não tive um dia sequer de descanso”, relata o jovem Rafael Antônio Guevara, de 22 anos. Ele está no Brasil há um ano e dois meses, junto com sua companheira e sua bebê de cinco meses.

Ainda na Venezuela, Rafael começou a trabalhar com seu pai. Trabalhava o dia inteiro, fazia apenas uma refeição ao dia, uma sopa de abóbora, e não recebia nada. Decidiu então pedir ajuda a uma tia para ir morar no Peru. Chegou lá em 2020, em plena pandemia de covid-19. Com toda a garra, lutou, trabalhou e aprendeu um novo ofício: a tapeçaria. Também foi lá que conheceu sua companheira.

A arte da tapeçaria lhe encantou. Tentou trabalhar na área, em várias oficinas, mas ganhava três vezes menos, somente por ser venezuelano. Mesmo assim, ficou, se dedicou e trabalhou muito. Até finalmente conseguir independência: “Eu me senti forte, preparado para montar um negócio pessoal, meu”.

Acre





Com tudo pronto para começar a investir, a vida lhe deu outra rasteira. Sua mulher, que estava grávida de 3 meses, sofreu um aborto. Perderam o bebê e ainda tiveram que pagar a curetagem (procedimento padrão pelo qual se raspa o útero após a morte do feto). Os gastos hospitalares corresponderam a todo o dinheiro que tinham guardado para começar uma nova oficina.

Perdidos e ainda em luto, decidiram continuar no Peru e lutar pelo negócio próprio. Rafael voltou para a antiga tapeçaria, recebeu ajuda dos amigos, juntou mais um pouco de dinheiro e começou a comprar as primeiras máquinas. Desde o primeiro dia trabalhando na sua própria empresa, sentiu a diferença. Antes recebia 500 soles por semana. Agora, em um único dia fez um serviço de 650 soles. Quando sua empresa estava indo bem, investiu na fabricação de móveis. Encontrou um amigo carpinteiro e juntos trabalharam. Comprou uma moto, com que tanto sonhava, e estava indo muito bem. Até que um dia, dois rapazes lhe assaltaram, levaram a moto. Rafael, que luta artes marciais e sabe se defender, nunca se sentiu tão impotente diante de uma arma de fogo.

Conseguiu recuperar a moto em outro momento. Mas os mesmos rapazes passaram a roubar sua paz. Começaram as ameaças, e o medo se instalou na casa de Rafael. Ele sabia que desse jeito não dava para continuar. Desistiu do seu sonho novamente. Vendeu tudo que tinha por um preço muito menor do que valia. Pegou sua mochila, segurou a mão de sua companheira e de seu amigo e juntos decidiram vir para o Brasil.

A viagem durou mais de 46 horas, em um ônibus sem ar-condicionado e com pouca comida. Chegaram na fronteira, em Assis Brasil (AC), bem no dia de um feriado. Só depois de passada a data, deram entrada na Polícia Federal e pegaram um táxi para a capital, Rio Branco (AC). No centro da cidade, cansados e com fome, comeram um minúsculo cachorro-quente de dois reais, um para cada, para aguentar mais dois dias sem comer.

Depois de tanto procurar, encontrou uma senhora gentil que lhe alugou uma casa com o pouco dinheiro que tinha. No dia seguinte conseguiu um trabalho em uma tapeçaria, onde ficou por duas semanas, até perceber que estava sendo enganado. Conseguiu oportunidades em outras tapeçarias, mas a maioria não lhe pagava bem, algumas nem sequer pagaram.

*Sua  
companheira  
Raimary  
ficou grávida  
novamente e  
teve a bebê  
em um parto  
cesárea.*



Sua companheira Raimary ficou grávida novamente e teve a bebê em um parto cesárea. Nos primeiros dois meses, Rafael permaneceu em casa cuidando de sua mulher, que se recuperava. Sem trabalho, sem dinheiro e com pouca comida, lhe indicaram procurar a rede Cáritas.

E assim Rafael conheceu a Cáritas, e deles recebeu não apenas produtos de higiene, comida e suporte para retirar documentação. Ele também recebeu uma luz, uma esperança em tempos difíceis. “Quando mais necessitei, uma pessoa que eu não conheço me ajudou como nunca alguém tinha me ajudado na vida. Foi incrível, uma das coisas mais bonitas que me aconteceram. Me senti muito bem em receber ajuda”.

Atualmente está em uma tapeçaria, há oito meses. Inicia sua jornada às 7h da manhã e alguns dias volta às 21h da noite. Sem hora extra, sem garantias e com pagamento atrasado. Mas isso não desanima Rafael. Seu maior sonho é abrir um dia sua própria oficina. “Vou me levantar. Não vai ser fácil, mas eu vou conseguir”.



*Raimary, Rafael e a bebê*

DELEMIG

CONTROLE DE MIGRAÇÃO



DELEGACIA DE POLÍCIA FEDERAL DE PORTO VELHO

POSTO DE EMISSÃO DE PASSAPORTES E SERVIÇOS

DELEMIG

- CONTROLE DE MIGRAÇÃO
- EMISSÃO DE PASSAPORTES

DELESP

- CONTROLE DE ARMAS
- SEGURANÇA PRIVADA
- PRODUTOS QUÍMICOS

*Com o apoio da Cáritas, Heloiza Jimenez Teco conseguiu ser reconhecida como apátrida, condição que lhe deu o direito de ter acesso ao seu registro de identidade.*



*Bolívia*



# IDENTIDADE E ACESSO A DIREITOS

Por mais de nove anos, Heloiza Jimenez Teco percorreu uma jornada exaustiva na busca de seus documentos de identidade, numa saga que envolveu os estados do Brasil e da Bolívia. A particularidade do contexto é o fato de que Heloiza viveu boa parte de seus 33 anos sem deter qualquer tipo de documentação. Ela está entre os casos de pessoas que são definidas como “apátridas”.

A legislação brasileira ajuda a especificar melhor esse termo. Segundo a Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, enquadra-se nessa classificação a “pessoa que não seja considerada como nacional por nenhum Estado, segundo a sua legislação, nos termos da Convenção sobre o Estatuto dos Apátridas, de 1954, promulgada pelo Decreto nº 4.246, de 22 de maio de 2002, ou assim reconhecida pelo Estado brasileiro”. Pessoas nessa situação não estão desamparadas pelo Estado. Há inclusive uma parte da lei (seção II) voltada a tratar “Da Proteção do Apátrida e da Redução da Apatridia”. Porém, até alcançar o reconhecimento dessa condição, Heloiza viveu décadas sem documentos, conhecendo bem as inúmeras dificuldades que isso impunha, mas sem saber por onde começar a resolver a situação.

Em busca de uma vida melhor e na esperança de encontrar uma solução para a condição, Heloiza migrou para o interior de Rondônia, região que lhe ofereceu um novo começo, mas também consideráveis desafios. Heloiza é mãe de cinco filhos, os quais nunca pôde registrar por não ter documentação que formalizasse a sua identidade enquanto genitora. A ausência de documentos legais dificultava o acesso a direitos básicos, como saúde e educação para ela e sua família. Casada, Heloiza sempre precisou dos documentos de Sebastião, seu marido e, em certa medida, sua presença era necessária para resolver qualquer questão legal.

*Rondônia*





*Sebastião e quatro dos cinco filhos*

Essa história começa a mudar com o nascimento do filho caçula. Por questões de saúde, ele precisou ser levado a Porto Velho, capital do estado de Rondônia, para receber cuidados médicos. Heloiza enfrentou ali mais um desafio. Sem documentos e incapaz de provar que era a mãe, buscou ajuda. Desta vez, contou com a assistência de uma amiga boliviana, que ajudou a montar uma rede de apoio que incluía de repórteres a assistentes sociais e advogados. Ela agradece por cada ajuda que obteve em todo esse processo: “Graças a Deus, pessoas maravilhosas foram surgindo em minha vida, a cada passo eu conheci mais pessoas que me ajudaram nessa jornada.”

Por meio do caçula, que foi o primeiro a obter documentação, Heloiza conseguiu regularizar a situação dos demais filhos. No entanto, a sua questão ainda não tinha sido resolvida. Na Casa de Direitos, destinada a dar apoio aos migrantes em Porto Velho, Heloiza foi acolhida pela equipe do projeto Orinoco: Águas que Atravessam Fronteiras, que lhe deu a notícia de que ainda demoraria um tempo, mas com certeza conseguiriam sua documentação. Sua jornada a levou a ser reconhecida como apátrida, condição que a colocava em uma categoria jurídica complexa, mas lhe deu o direito de ter acesso ao seu registro de identidade, garantindo acesso a todos os direitos que lhe haviam sido negados anteriormente.

“Estou muito feliz, é emocionante. Agora eu me sinto muito orgulhosa. Se alguém chegar e me chamar pelo meu nome, agora eu posso provar que esse é o meu nome”, comemora Heloiza.

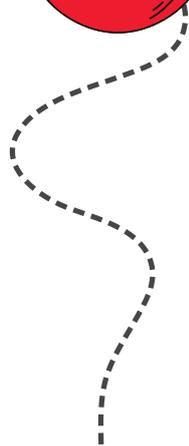
*Heloiza foi acolhida pela equipe do projeto Orinoco em Porto Velho*





*Williams em entrevista para a Cáritas*

Venezuela



Rondônia



## VIDA CHEIA DE ESPERANÇA

Williams José Sevilla Ruiz, migrante venezuelano, empreendeu uma jornada através de várias nações sul-americanas em busca de melhores condições de vida. Por motivos de saúde, pensava em voltar à Venezuela para ver se conseguia estar com seus familiares. Sua história é uma poderosa demonstração de resiliência e perseverança em meio aos desafios migratórios e burocráticos.

Williams iniciou sua jornada na Venezuela, passando pela Colômbia, Equador, Peru e Bolívia antes de chegar à fronteira entre Guayaramerín, uma cidade no departamento de Beni, na Bolívia, e Guajará-Mirim, um município do estado de Rondônia, no Brasil. Seu objetivo era obter autorização para cruzar o Brasil, embora seu plano não envolvesse necessariamente estabelecimento de residência permanente no país.



Infelizmente, a polícia na fronteira brasileira decidiu escoltá-lo de volta à Bolívia, alegando que ele não tinha direitos no território brasileiro. Williams tentou argumentar que estava apenas buscando autorização de trânsito, mas suas tentativas foram em vão. Ele foi devolvido à Bolívia, onde entrou em contato com uma compatriota, responsável por uma casa de refugiados no lado brasileiro, que o orientou sobre as possibilidades de cruzar o Brasil e o colocou em contato com a Cáritas em Rondônia para obter assistência.

No entanto, os desafios de Williams não pararam por aí. Durante sua travessia, seus documentos foram roubados, tornando sua situação ainda mais complexa. Foi na Casa de Direitos, por meio do projeto Orinoco, realizado pela Cáritas Brasileira em parceria com a Cáritas Porto Velho, que Williams recebeu auxílio jurídico para a obtenção de novos documentos e para o início do processo de regularização de sua permanência no Brasil. A decisão de estabelecer residência e trabalhar em Rondônia marcou um novo capítulo em sua vida.

Williams explicou como foi seu acolhimento pela equipe Cáritas: “Quando cheguei aqui, eles imediatamente me atenderam. Me explicaram todas essas coisas e como as coisas são diferentes aqui.” Ele destacou o processo de acolhimento recebido pela equipe Cáritas de Rondônia, que não se limitava apenas à documentação, mas também incluía questões de saúde e acesso ao Sistema Único de Saúde brasileiro.

A resiliência de Williams é notável, e suas palavras ressoam com esperança e determinação: “Enquanto tiver força, respirar e amanhecer todo dia, sempre terei esperança. A vida é cheia de esperança, e não podemos nos render”.

Williams tem sido uma figura presente junto à Caritas em Rondônia, sempre está disposto a contribuir. Ele compartilha suas impressões de mundo através de sua voz poderosa cantando belas canções. Sua jornada nos lembra da importância da empatia, da solidariedade e da resiliência na construção de um outro mundo possível, mais inclusivo e acolhedor, com garantia de cidadania à população imigrante.



Assista às entrevistas no  
YouTube da Cáritas Brasileira



# ORI NO CO

ÁGUAS QUE  
ATRAVESSAM  
FRONTEIRAS



@caritasbrasileira